

MODERNIDADE À BRASILEIRA II

20
aula

META

Apresentar as relações entre o Jeitinho Brasileiro e a nossa modernidade.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: conhecer elementos da história e da estrutura do "jeitinho brasileiro".

PRÉ-REQUISITOS

Compreensão das aulas anteriores e leituras de apoio.



(Fonte: <http://bp2.blogger.com>).

Segundo o antropólogo Roberto DaMatta, os brasileiros vivem um dilema nos seus espaços de sociabilidade, pois combinam, das mais variadas formas, os princípios hierárquicos das sociedades tradicionais com os princípios igualitaristas das sociedades modernas. Em outras palavras, é como se convivessem nas mentalidades brasileiras a Pessoa (típica das sociedades hierárquicas) e o Indivíduo (típico das sociedades modernas).

INTRODUÇÃO

Há quem afirme que esse tipo de “mistura” é o que faz com que o Brasil seja um país moderno, mas sem a frieza e a indiferença comuns aos povos em estágio elevado de modernização. Teríamos, portanto, as vantagens tecnológicas, jurídicas, políticas da cultura moderna combinadas com o aconchego comunitário das festas populares, das relações pessoais informais, da convivência pacífica entre as comunidades de imigrantes vindas de várias partes do mundo.

Entretanto, as combinações entre o tradicional e o moderno nem sempre apresentam resultados pautados pela lógica igualitarista moderna. Temos eleições democráticas, mas somos bastante coniventes com a impunidade; temos um moderno estatuto da criança e do adolescente, mas não conseguimos evitar os mais variados crimes contra a infância e a juventude; temos uma indústria automobilística em franco desenvolvimento, mas nosso comportamento

no trânsito é muito violento; ano após ano o Estado bate recordes de arrecadação de impostos, mas não conseguimos destinar, suficientemente, esses recursos para o bem-estar social.

Nesse contexto, a discussão sobre o *jeitinho* pode ser esclarecedora na análise de uma das nossas principais características – a disposição para relativizar as leis, as normas, as regras.



(Fonte: <http://cienciahoje.uol.com.br>).

Conceitualmente, alguns autores analisam o *jeitinho* como um drama social, ou seja, um momento acima – além ou aquém – das rotinas e normalidades que governam o mundo cotidiano; uma ação que rompe com uma norma social vivida pelo grupo tanto para favorecer o protagonista quanto para desfavorecer um terceiro indivíduo. Nesse sentido, o *jeitinho* não é o comum, o trivial, o permanente na vida de cada brasileiro, embora não haja quem não tenha se envolvido, direta ou indiretamente, com esse tipo de episódio em algum momento da vida. Da mesma maneira, ele não é o que nos define, culturalmente. O *jeitinho* é uma estratégia situacional comumente utilizada pelos brasileiros.

O “JEITINHO” É ...

“SÓ NÃO HÁ JEITO PRA MORTE”

Improvisação, criatividade e esperteza são as forças que movimentam as manifestações do *jeitinho*, diante de uma dificuldade, uma proibição ou urgência. Invariavelmente, o protagonista conduz as suas ações com extrema amabilidade, intimidade e cordialidade, pois o objetivo é sempre aproximar o interlocutor e envolvê-lo, emocionalmente, no problema a ser resolvido.

Assim, diante de um *não* o operador do *jeitinho* parece dizer: “eu sei que não pode, mas...; dê um jeito aí, isso não vai prejudicar ninguém; quebre meu galho, amanhã ou depois você pode precisar e aí é minha vez de lhe ajudar; deixa isso pra lá, eu tô passando uma fase difícil, depois a gente se ajeita”. Portanto, o pressuposto é de que as regras são menos importantes do que as situações pessoais de dificuldade.

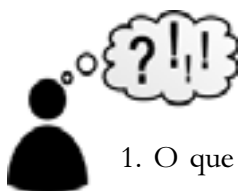
A antropóloga Livia Barbosa nos chama a atenção para o que ela denominou de individualismo seletivo levado a cabo pelos episódios típicos do *jeitinho brasileiro*. Com isto, ela quer indicar que as regras universais, embora sejam aceitas normalmente pelos brasileiros, podem ser contornadas em favor de algumas pessoas, dependendo da ocasião e da maneira como forem efetivadas.

Numa ampla pesquisa sobre o *jeitinho*, a antropóloga nos apresenta uma caracterização detalhada desse fenômeno tão comum no Brasil.

- a) Expediente ambíguo. Situa-se entre o favor considerado honesto e positivamente caracterizado e a corrupção, percebida de forma negativa.
- b) Instituição nem legal nem ilegal, mas paralegal.
- c) Processo individualizante; baseia-se, para a sua eficácia, na identidade “pessoal” do indivíduo.
- d) Não é uma forma de ação social planejada. Surge e é utilizada a partir da situação.
- e) Atitude definida como forma de criatividade e improvisação, criando espaços pessoais em situações impessoais.



(Fonte: <http://g1.globo.com>).



ATIVIDADES

1. O que significa analisar o *jeitinho* como um drama social?
2. Como você avalia a combinação do tradicional com o moderno?
3. Descreva as principais características do *jeitinho*.
4. É possível seguirmos modernizando o Brasil sem descartarmos o *jeitinho*?
5. O que a autora quer dizer com “individualismo seletivo”?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Lembre que o *jeitinho* ocorre em situações extraordinárias.
2. Observe na sua cidade as fusões do tradicional com o moderno.
3. Tente acrescentar alguma característica à lista da autora.
4. Considere que os princípios modernos são igualitários.
5. Atente para a relação entre individualismo e intimidade.



(Fonte: <http://lucianaf.files.wordpress.com>).

Devido à ampla utilização do *jeitinho* em nosso cotidiano, não nos parece estranho que seus usos sejam amplamente discutidos nas escolas, na mídia, na política, no judiciário, nas

CONCLUSÃO

igrejas, nas conversas entre amigos. Em todos esses espaços, a questão principal é saber se essa tentativa de fusão dos horizontes tradicional e moderno nos levará a uma sociedade mais próspera e democrática, como pretendem as regras individualistas, ou se continuará reforçando as assimetrias profundas da sociedade brasileira expressas no nosso perfil sócio, econômico, político e cultural.

RESUMO



Embora o *jeitinho brasileiro* seja uma atitude típica de situações extraordinárias, não há quem não tenha se envolvido, direta ou indiretamente, numa situação como esta. Alguns autores consideram que esse fenômeno expressa uma maneira tipicamente brasileira de se manter tradicional sem descartar o moderno. O *Jeitinho*, portanto, seria uma tentativa de conciliação desses dois universos. Resta saber se esse fenômeno favorece ou interdita o nosso processo de modernização.

INDIVIDUALISMO SELETIVO

Livia Barbosa

Antes de concluir, quero discutir ainda um outro aspecto que me parece extremamente importante na maneira como o individualismo é pensado e atualizado na sociedade brasileira: os seus laços profundos com a intimidade. Quer dizer, a tentativa de conjugação da impessoalidade individual na operação do sistema com a “pessoalidade” nas relações entre os diferentes atores.

Sabemos que a hierarquia brasileira se funda na intimidade social. Essa fornece a base do nosso esqueleto hierárquico, pois propicia o estabelecimento de relações pessoais “íntimas” com indivíduos socialmente diferenciados, permitindo a formação de identidade social vertical. Esse era o tipo de intimidade que existia no Brasil patriarcal entre senhores e escravos da casa. Essa também é a intimidade que impregna o vínculo empregatício da doméstica antiga e que é considerada “como da família”. Essa intimidade está alicerçada em grande parte na proximidade física, na dependência econômica e nos laços afetivos.

Outro exemplo típico seria o das relações entre o chofer de táxi e o passageiro, em que em outro cenário individualista estaria bem marcado como envolvendo apenas uma prestação de serviço. Normalmente, chega-se ao fim do percurso sabendo-se que o motorista tem um *filho que não quer nada, uma filha que vai se casar com um bom moço* e mais todas as suas estratégias para sobreviver.

No Brasil, esse compartilhar de experiência de vida bastante pessoal com estranhos é que eu identifico como a tentativa de conjurar a impessoalidade individualista com o estabelecimento de relações pessoais numa forma operacional. Essa tentativa parece se originar diretamente da concepção da igualdade como

estando num plano moral, como desenvolvemos anteriormente. Fazer confissões a um “estranho”, quer dizer, a um não-amigo, é supor que o interlocutor tem capacidade para “entendê-lo” e de “compartilhar” de seus sentimentos. Por isso é que peço *jeitinho* a estranhos, expondo-lhes todo o meu drama.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro - a arte de ser mais igual que os outros**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis - para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. **A casa e a rua - espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.